

## **Mosteiro de Tibães**

### **Principais acontecimentos que marcaram a história do Mosteiro de São Martinho de Tibães:**

1071 e 1077 > Primeiras referências documentais;

1110 > Doação da Carta de Couto pelo Conde D. Henrique e D.<sup>a</sup> Teresa;

1517 > Atribuição da Carta de Foral ao Couto do Mosteiro de Tibães pelo rei D. Manuel I;

1565 > Morre D. Bernardo da Cruz, o último Abade Comendatário, acontecimento que vai motivar o início da reforma beneditina;

1567 > Criação da Congregação Beneditina dos Reinos de Portugal, ficando o Mosteiro de São Martinho de Tibães como Casa-Mãe;

1569 > Realização do Primeiro Capítulo Geral da Congregação, sendo eleito como Abade Geral Frei Pedro de Chaves;

1628 – 1750 > Definição arquitetónica da estrutura atual;

1834 > Extinção das ordens religiosas e encerramento do mosteiro à luz dos decretos de 5 e 9 de agosto de 1833, de José da Silva Carvalho;

A igreja, a sacristia, o claustro do cemitério, a hospedaria, o coristado e o passal, continuando propriedade do Estado Português, ficam em uso paroquial. As restantes áreas do edifício e a cerca conventual são fechadas e vendidas mais tarde a famílias privadas, conhecendo as mais diversas utilizações;

1838 > Aquisição da cerca por de José da Silva Reis, pelo valor de 7.860\$000;

1864 > Venda do edifício a António de Moura Monteiro pela quantia de 3.605\$000;

1894 > Grande incêndio que destruiu o claustro do refeitório, o refeitório, a casa dos fogões, o noviciado, o coristado, o hospício, as oficinas, a casa das pinturas e os dormitórios (nascente e sul);

1910 > Classificação do cruzeiro como Monumento Nacional;

1944 > A igreja, o mosteiro e demais construções arquitetónicas da cerca foram classificados como Imóveis de Interesse Público;

1949 > Criação da Área Especial de Proteção;

1986 > O Estado Português adquire a privados o mosteiro e a cerca pelo valor de 110 000 contos;

1990 > Criação do Museu do Mosteiro de São Martinho de Tibães, serviço dependente do Instituto Português do Património Cultural;

1994 > Alargamento da Zona Especial de Proteção e restauro da capelinha de S. Bento;

1995 > Construção da nova Residência Paroquial;

1998 – 2002 > Restauro, recuperação e reabilitação da ala norte, igreja, sacristia, claustro do cemitério e coristado;

2006 – 2009 > Obras de reabilitação do antigo coristado, noviciado, ala sul, claustro do refeitório e casa do volfrâmio, para a criação de estruturas de apoio e serviços, ampliação do percurso museológico e instalação de uma comunidade religiosa, um restaurante e uma hospedaria;

2011 > Obras de recuperação do terreiro em frente ao mosteiro.

## **O MOSTEIRO E OS SEUS ESPAÇOS**

Composto por um amplo edifício e uma cerca murada, o mosteiro que hoje vemos foi construído/reconstruído, decorado/redecorado, ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX. Com uma arquitetura funcional, apresentava uma clara separação entre as áreas de oração, de trabalho e de lazer e as de comunicação com o exterior, e ainda entre as zonas ocupadas pela comunidade residente e as outras reservadas para o uso como casa-mãe da Congregação.

O seu edifício, igreja e alas conventuais, implantado numa área de 1ha, apresenta uma planta tão bem idealizada que forma quase um quadro perfeito à volta dos claustros do cemitério e do refeitório, do jericó do reverendíssimo, do pátio das cozinhas e dos terreiros das adegas e de São João. Por estes espaços se espalhavam: dormitórios, celas, capelas, capítulos, “troncos”, livraria, cartório, casa das pinturas, barbearia, botica, enfermaria,

cozinha, despensas, hospedarias, hospício, cavalariças, recibo e celeiro, palheiros, abegoaria, lojas, adega, lagar, casas das obras, carpintaria e forja.

O mosteiro tem a norte uma fachada chã e austera, quebrada no piso superior por sacadas com grades de ferro e interrompida no inferior pela escadaria que conduz à igreja; pelas portas das duas portarias – a das gentes, com o nicho lavrado e imagem de Nossa Senhora do Pilar, e a dos carros com o seu frontão classicizante – e ainda pela fonte e tanque da portaria. Na parte nascente desta ala emerge a fachada maneirista da igreja com o vasto átrio de pedra de esquadria assente em plataforma elevada. Esta austeridade exterior do edifício esconde, numa manifestação própria do ideário da Contra Reforma, um interior de vastos e belos espaços com pedra e madeira magnificamente trabalhados e pintados, esplendorosa talha dourada, rica imaginária e variada azulejaria.